

## O pedagogo e a Matemática nos Anos Finais da educação básica: desafios e impactos

Josuelto Lopes dos Santos  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: josuelto@hotmail.com

Alexsandra Souza Lopes  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: 2022f0070@uesb.edu.br

576

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagoga. Matemática. Anos Finais. Desafios. Saúde e Bem-estar

### INTRODUÇÃO

Há, no imaginário de professor da educação básica, a ideia de que as dificuldades e mazelas da profissão docente assolam, se não apenas, mas especificamente estes. Por serem, em grande parte, pertencentes às redes municipais, onde há um número expressivos de contratos temporários, atrelados especificamente às questões políticas locais. Neste contexto os vencimentos básicos são aquém do que propõe o piso nacional do magistério, além de outros direitos que lhes são negados. Mesmo os que estão no quadro efetivo não escapam da precarização, são muitos os municípios que se quer tem plano de carreira do magistério, outros têm mas nem sempre este é respeitado pelo poder municipal. Plano de saúde não existe, falta recursos materiais e de infraestrutura adequadas para o desenvolvimento da prática docente, além de incentivo à qualificação e valorização profissional. Óbvio que as exceções existem, mas são só exceções. As consequências disso são variadas, adoecimento da categoria, falta de estímulo para seguir na profissão, desvalorização da figura do professor etc.

Infelizmente as dificuldades enfrentadas na docência não escolhem nível de atuação nem de formação, somos todos, talvez em graus e pautas diferentes, atingidos por questões que mexem com a nossa saúde/bem-estar. Os desafios enfrentados pelos professores no exercício da sua profissão têm causado sérios problemas à saúde/bem-estar destes, sobretudo de caráter psicossocial, “muitos profissionais da área escolar

**Realização:**



**Apoio:**



apresentam indícios de adoecimento, uma vez que sofrem maior predisposição aos transtornos psicossociais do que aos problemas em sua saúde física” (Kanan; Dresch, 2022, p. 98-99). Alergia e irritações na pele e nas vias respiratórias causadas pelo pó de giz, calo nas cordas vocais, a bipedestação que causa problemas na musculatura e no sistema circulatório dentre outros (Kanan; Dresch, 2022).

Reis e Cecílio (2014), Facci e Esper (2020), Kanan e Dresch (2022), mostram os desafios que os professores enfrentam desde a formação, a relação com os pares, com os discentes, às condições de desenvolvimento do seu trabalho, extensa carga horária, produtivismo exacerbado e os impactos na sua saúde. “As reformas educacionais que levaram os docentes a aprofundar-se em práticas individualistas e de cunho competitivo. Buscar seu espaço e atingir seus objetivos está cada dia mais difícil, principalmente em relação ao reconhecimento social pelo trabalho” (Reis; Cecílio, 2014, p. 122). O individualismo e a competitividade exacerbada acabam alienando o professor, que, na maioria das vezes, não enxerga que o problema é estrutural. Sobre o uso de medicamentos, o estudo de Facci e Esper (2020), desenvolvido com a participação de 52 professores, identificou que

32 (61, 54%) afirmaram que tomaram algum medicamento nos últimos 12 meses. Os medicamentos mais citados foram os antidepressivos (10 professores), os ansiolíticos (7 professores) e remédios para dores de cabeça (6 professores). Os demais foram para insônia, dor de cabeça, problemas cardíacos, pressão alta, antialérgicos, crises convulsivas, hipotireoidismo e dores no corpo. Alguns professores mencionaram um combinado de medicamentos (Facci; Esper, 2020, p.62).

Para Kanan e Dresch (2022, p. 92) “o bem-estar no trabalho destes profissionais influencia seu desempenho, bem como a importância da prevenção e erradicação de sentimentos e condições ambientais nocivas que possam causar prejuízos físicos e emocionais aos mesmos”.

Neste texto o objetivo é discutir os desafios enfrentados por uma pedagoga para lecionar matemática nos Anos Finais da Educação Básica e os possíveis impactos para a sua saúde/bem-estar.

Realização:



Apoio:



## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com características descritiva e interpretativa, analisamos os dados “em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 48). Para a produção dos dados usamos um questionário que foi aplicado a uma professora graduada em Pedagogia que leciona matemática nos Anos Finais da Educação Básica em uma rede municipal. A mesma tem 32 anos de idade, possui experiências na área de educação, atuou como auxiliar de classe, secretária escolar, professora dos anos iniciais e, atualmente, leciona matemática nos Anos Finais da Educação Básica e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma rede municipal.

578

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo licenciada em Pedagogia, a experiência com o ensino de Matemática nos Anos Finais da Educação Básica tem sido positiva e desafiadora.

*Lecionar Matemática não é uma tarefa fácil, ainda mais quando não somos formados na área. A Matemática também conhecida como a ovelha negra é muito ampla e infelizmente nós professores possuímos muitas dificuldades, talvez pelo fato de não termos sido preparados adequadamente para lecionar a disciplina ou até mesmo pelo jeito que aprendemos, diferente do que se pede hoje em dia. De início apresentei um pouco de dificuldades por não estar acostumada a trabalhar com Matemática dos anos finais. Apesar de tudo isso a minha experiência tem sido boa, a gente acaba saindo da zona de conforto e estudando mais, se dedicando mais e consequentemente colhendo bons frutos.*

Quando compara as dificuldades enfrentadas nos anos iniciais com as dos anos finais ela destaca o desgaste para lidar com o nível de aprendizagem dos alunos, que requer mais tempo para planejar tarefas que atendam às necessidades da classe, corroborando com as ideias de Facci e Esper (2020).

*Os alunos tem chegado cada vez mais despreparados no ensino fundamental II, temos em torno de 70% dos alunos com dificuldade total em pelo ao menos duas das quatro operações básica, além de desinteresse, dificuldades em leitura de gráficos e tabelas, dificuldade em leitura e compreensão de situações problemas, entre outros conteúdos trabalhados. Sendo assim, tenho que planejar duas ou três tarefas diferentes para cada turma, para tentar sanar aos poucos as dificuldades dos alunos.*

Realização:



Apoio:



Com relação às dificuldades enfrentadas para lecionar Matemática nos Anos Finais

*Falta de ajuda da coordenação, falta de materiais didáticos para turma, pouca preparação para a área. Procuo sempre inserir conteúdos que já tenho mais prática no início do plano de curso para que eu tenha mais tempo para estudar e dominar os conteúdos que tenho menos habilidade. O desenvolvimento da aula é sempre uma surpresa, a maior dificuldade é quando o aluno não participa, apresenta muita dificuldade, mesmo quando faço diversas formas diferentes para tentar chamar a atenção e fazer compreender o que está sendo proposto e não vejo resultado, isso acaba sendo frustrador.*

579

Aqui é possível identificar outros pontos que interferem no bem-estar/saúde docente, como a relação conflituosa entre os pares, cita por Facci e Esper (2020) e Reis e Cecílio (2022).

No seu entendimento, lecionar Matemática nos Anos Finais impactou na sua saúde e no seu bem-estar (tempo de lazer, tempo de sono, qualidade do sono, estresse do dia a dia, motivação etc.)?

*Sim, pois necessito de maior tempo de dedicação ao trabalho e conseqüentemente falta tempo para todas as outras coisas.*

*Exemplo: trabalho quatro dias na semana lecionando Matemática em quatro turmas do ensino fundamental II, pela manhã. E mais dois dias da semana com turma de EJA, eixo IV e V, à noite. Onde necessito usar minhas tardes e as vezes grande parte das noites para fazer e refazer planejamento e estudos sobre o que irei lecionar e de que forma fazer isso para que eu consiga alcançar de forma satisfatória meus alunos.*

*Diante disso, o tempo para lazer, família e tempo de sono são poucos e acabam ficando em segundo plano e como consequência aparece o estresse, o desânimo, o cansaço mental.*

Para Facci e Esper (2020) o “dano da qualidade de vida do professor, com perda do tempo de lazer, invasão da jornada de trabalho na vida particular e avanço das tecnologias e suas consequências na falta de delimitação entre ambiente de trabalho e de lazer” é uma das causas do adoecimento ou mal-estar docente.

Por fim, foi questionada sobre o uso de medicamento, as respostas corroboram os resultados das pesquisas de Facci e Esper (2020) e Kanan e Dresch (2022)

*Uso medicamento, sim. Geralmente para dores. Principalmente dor de cabeça. O estresse da vida com a coordenação, com alguns colegas, a necessidade de planejar diferentes tarefas para uma mesma turma por conta do nível de alguns alunos tem me causado muitas dores de cabeça.*

Realização:



Apoio:



*Uso também para dores nas pernas e no pé. Passo muito tempo em pé. Tem dias que as dores são insuportáveis.*

Facci e Esper (2020) apontam que 32 (61, 54%) afirmaram que tomaram algum medicamento nos últimos 12 meses, remédios para dores de cabeça foram citados por 6 professores e também foi citado remédio para dores no corpo.

580

## CONCLUSÕES

Os principais desafios enfrentados por uma pedagoga ao lecionar matemática nos Anos Finais são: o domínio do conteúdo matemático; relação conflituosa entre pares; o nível de conhecimento e interesse dos estudantes; sobrecarga de trabalho relacionado a planejamento, realização de atividades fora do horário de expediente. Esses desafios impactam negativamente na saúde e bem-estar da professora causando-lhe estresse, desânimo, frustração, além de dores e uso de medicamento para poder lidar com a situação.

## REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994, p. 47-51.
- FACCI, M. G. D.; ESPER, M. B. S. B. Adoecimento e medicalização de professores universitários frente a precarização e intensificação do trabalho. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 7, n. 15, p. 50-78, set./dez., 2020.
- KANAN, L. A; DRESCH, J. F. Ambiente, condições de trabalho e saúde de professores da educação básica. **Revista Gepesvida**. Número 19. Volume 8. 2022. <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>. Acesso: 24 dez. 2023.
- REIS, B. M; CECÍLIO, S. Precarização, trabalho docente intensificado e saúde de professores universitários. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.109-128, mai-ago., 2014.

Realização:



Apoio:

